

A segunda vida
de Missy

Beth Morrey

Tradução de Vera Ribeiro



Para mamãe, papai e Ben — meu primeiro oikos

*Todo coração canta uma música incompleta, até outro coração
sussurrá-la de volta.*

ATRIBUÍDO A PLATÃO

Parte 1

“Deixe o seu anzol sempre lançado; no riacho onde menos esperar...”

— OVÍDIO

Capítulo 1

Fazia um frio de rachar no dia do aturdimento dos peixes. Era tanto que quase não fui ver. Deitada na cama naquela manhã, encarando as paredes desde cedo, eu nunca me sentira tão velha, nem tão apática. E por que, então, resolvi me mexer, levantando e enfiando meus pés enrugados nos chinelos novos de napa? Vaga curiosidade, talvez — é preciso se agarrar a esse último vestígio de uma mente inquisitiva, impedir que ele escape.

Ainda de camisola, arrastei os pés pela cozinha enquanto preparava o chá e dava uma olhada nos e-mails, para ver se havia algum de Alistair. Bem, meu filho andava ocupado com seu trabalho de campo, sem dúvida. Os chinelos que ele me dera de Natal eram aconchegantes no frio da manhã. Havia uma mensagem de minha filha, Melanie, mas era só para me falar de um documentário do qual ela achava que eu poderia gostar. Era comum ela confundir as preferências do pai com as minhas. Comi uma torrada sem passar nada em cima, pensei na minha última conversa com ela e, por alguns segundos, uns arrepios de vergonha me fizeram cócegas na nuca. Achei mais fácil ignorar o assunto e, em vez disso, li as notícias na internet e vi que David Bowie tinha morrido.

Na minha idade, ler obituários é um risco generativo, com as pessoas batendo as botas, uma a uma, e cada anúncio uma câmara vazia em meu revólver pessoal. Por algum tempo, tentei fingir que não via, como se, de algum modo, ignorar a morte pudesse afastá-la. Mas as

peças continuaram morrendo e outras pessoas seguiram escrevendo sobre isso, e um diabinho perverso me obrigava a permanecer atualizada. A morte de Bowie me deixou mais abalada do que a maioria das outras, apesar de, no fundo, eu nunca ter escutado sua música. Eu lembrava de sua introdução no pequeno desenho animado *O boneco de neve*, mas, quando assistimos ao desenho com meu neto, no Natal, a introdução havia sido substituída por outra coisa. Assim, minha única lembrança de Bowie era de vê-lo segurando um cachecol com ar sombrio e, por alguma razão, era uma imagem perturbadora. A cama por fazer me chamava, mas a voz de Leo surgiu na minha cabeça, como tantas vezes: “Força e coragem, sra. Carmichael! Para o alto e avante!”

Então, subi ao quarto para vestir minha malha mais grossa e uma saia de lã, fazendo careta para as atrozes veias azuis e rangendo junto com os degraus, ao descer de novo para pegar o casaco. Depois de lutar com os botões, me sentei por um momento para recobrar o fôlego e pensei na placa do parque na semana anterior.

Meu abatimento pós-natalino tinha sido particularmente intenso nesse ano, a animação das festividades tendo ido embora junto com a de Alistair e, com ele, a de Arthur, meu neto maravilhoso, cuja voz já começava a ter um sotaque australiano. E ainda era difícil estar no parque e não me lembrar de Leo. Ele era um grande adepto das caminhadas; sentia satisfação em desdenhar dos corredores metidos a importantes e em repreender jovialmente os ciclistas. Cada ponto de referência evocava uma memória triste, mas, mesmo assim, eu voltava — a senhora grisalha que vagava a esmo. Havia um carvalho que costumávamos visitar — Leo gostava do tronco velho e nodoso e dizia que era uma versão em carvalho dele mesmo, cada vez mais

encarquilhado na velhice. Eu provavelmente teria passado horas parada ali naquele dia, devaneando, mas fui distraída por uma criança cuja voz lembrou meu Arthur. Um menino da idade dele puxava ansioso a mãe, que lia um aviso preso na grade que circunda cada lago. Chegando mais perto, fingi lê-lo.

— Mããããããnheeeeeee!

Os cachinhos eram louro-avermelhados e ele tinha nos cantos da boca farelos de biscoito que pediam para ser retirados. As crianças são tão lindas, imaculadas e brilhantes, como uma castanha recém-tirada da casca. É uma pena todas se transformarem em adultos abomináveis. Como seria bom se pudéssemos conservar essa estonteante estrutura de possibilidades, quando tudo é acolhido de braços abertos.

— Nossa, Otis, me dá um tempo! — disse a mãe, com um forte sotaque irlandês, repelindo-o. Tinha o cabelo tingido de ruivo e eu a detestei de cara. Ela me olhou de esguelha, para a velha coroca encarando seu filho, e voltei a fingir que lia o aviso.

— O que acha, Oat?

Oat? Deus do céu, essa gente hoje em dia.

— Eles vão eletrocutar os peixes! Quer ver?

O pessoal responsável por cuidar do parque precisava transpor os peixes de um lago para outro, o que exigia que eles fossem atordoados. Pesca elétrica. Eu nunca tinha visto nem ouvido falar de um troço desses, nem parecia ser algo particularmente interessante, mas, talvez, se eu pudesse rever o “Oat”, o aperto na garganta que eu vinha sentindo desde que Ali e Arthur haviam entrado no avião pudesse diminuir um pouco. Seria algo para fazer, afinal...

Desde aquela tarde, uma semana antes, eu havia mudado de ideia meia dúzia de vezes, indecisa como só os mortalmente entediados e

inseguros são capazes. No fim, resolvi ir, para que houvesse algo sobre o que falar com Alistair. Minha vida se tornara tão limitada que eu tinha medo de que ele me achasse banal, e só lia os jornais (inclusive os obituários) para saber do que meu filho estava falando, quando ele mencionava a gafe de um político ou perguntava quais eram as novas peças em cartaz no West End. Dera para perceber como Ali ficara impressionado com o fato de eu ter ido visitar a exposição do Turner, de modo que os três ônibus em um dia chuvoso tinham valido a pena.

Ver carpas eletrocutadas não era exatamente um passeio empolgante na metrópole, mas era melhor do que nada. Assim, lá fui eu assistir ao atordoamento dos peixes, agasalhada em meu mais potente casaco de inverno, já rascunhando o e-mail que escreveria na volta. Talvez topasse com o pequeno Otis e alimentasse os patos com ele, e entrasse numa fila de café com sua mãe e... Nesse ponto, perdi um pouco a direção e quase dei meia-volta, mas minhas pernas já estavam endurecendo com o frio, e o banco junto aos lagos era mais próximo.

Um pequeno grupo se reunira para assistir à cena. Alguém distribuía croissants e aceitei quando me ofereceram um, não porque estivesse com fome, mas apenas grata por ter sido notada. Levei-o à boca e me lembrei de uma ocasião com Leo, em Paris, em que havíamos comido *pain au chocolat* às margens do Sena e, em seguida, entrado numa livraria onde ele desapareceu em uma escada bamba, enquanto eu fazia carinho num gato enroscado num sofá caquético, tirava restinhos de massa dos dentes e me preocupava em saber qual mão estava usando para fazer o quê. Minhas mãos passaram o resto do dia com cheiro de chocolate e gato, porque não conseguimos encontrar nenhum lugar para lavá-las. Meus olhos se encheram de lágrimas: Leo e eu nunca mais voltaríamos a Paris, embora essa não fosse uma lembrança

particularmente agradável, por eu ter achado a cidade suja e antipática, e também por quase não haver espaços arborizados e porque, apesar de Leo falar francês com fluência, os locais lhe torciam o nariz, pois não tinha como não perceber que ele era inglês e tão esnobe quanto os croissants franceses.

Oscilei e afundei no banco, piscando os olhos e lutando contra a falta de ar, até uma voz calorosa e aristocrática dizer:

— Ah, meu bem, não fique com essa cara: eles não são de uma loja barata nem nada. Eu mesma os fiz.

Uma mulher de meia-idade, com olhos que pareciam contas, sorria para mim e acenava com um guardanapo de modo que fingi mordiscar o croissant e agradei em voz baixa, xingando-me por ser uma velha tão distraída. A mulher seguiu, desviando da aglomeração, distribuindo seus croissants e suas gentilezas, e então todos se projetaram para a frente e eu tornei a me levantar, com esforço, para ver dois homens de botas impermeáveis e jaquetas berrantes deslizando pelo lago numa embarcação de aspecto curioso.

A cerca de um metro da proa havia uma engenhoca circular, com umas barrinhas que mergulhavam dentro d'água, como um conjunto gigantesco de sinos de vento. A meu lado, um sujeito explicava o processo à mulher do seu outro lado. O aparelho funcionava em combinação com um condutor colocado no casco, o que criava um campo elétrico por onde o barco ia passando, enquanto uma alavanca de bordo controlava a corrente. Os homens deslizaram pelo lago em grandes círculos, um conduzindo a embarcação e operando a alavanca elétrica; o outro, ajoelhado, segurando uma rede. Por um tempo, nada aconteceu, mas então uma boia cinzenta e lúzia surgiu alegre na superfície — o primeiro peixe atordoado.

— Ooooh — disseram os espectadores, batendo palmas educadamente.

Depois disso, os peixes começaram a emergir por toda parte, reluzentes e apáticos, aguardando serem pescados. Toda vez que o segundo homem recolhia um deles, a massa de espectadores dava vivas e brindava com seus copos plásticos de vinho com canela.

À medida que o espetáculo se estendia, mais inquietante ele se tornava. O “plop” constante com que os peixes subiam à tona, vibrando, o lento sibilar da rede, “chich”, o baque surdo subsequente, quando eles caíam no recipiente. Plop, chich, tum. Plop, chich, tum. Depois... plaft. O aturdimento só durava o suficiente para os peixes serem colocados no barco. Aquelas enormes carpas de aparência pré-histórica, cobertas de lama do lago, eram içadas a bordo e, de imediato, começavam a estrebuchar e se debater. Plop, chich, tum. Plaft, plaft, plaft.

Num minuto você está ali, deslizando, sem a menor preocupação, e no seguinte vem uma cutucada gigante e lhe dá um tremendo choque, e então tudo fica diferente e você perde o fôlego de susto. E não há vitória na sobrevivência, porque depois a única coisa que você faz é ficar nadando em círculos sem parar num novo lago, fazendo movimentos inúteis com a boca. Eu ia preferir que acabassem com meu sofrimento. Do pó ao pó. A falta de ar voltando. Plop, chich, tum. Eu poderia desviar o olhar e aquilo acabaria. Não pense, não pense. Plaft, plaft, plaft. Agarrei a grade, tentando ignorar os galhos que pairavam no alto, mas minha pele foi formigando, ardendo, e eu me senti cair em meio a mãos que se estendiam e a gritos distantes, enquanto a escuridão tomava conta...

Capítulo 2

Havia uma coisa áspera sendo esfregada no meu rosto, subindo pela bochecha, como se fosse uma esponja. Com um gemido, afastei a cabeça.

— Ela está voltando a si, cheguem para trás!

A esponja voltou, áspera e quente, com um hálito fétido ao fundo. Franzi o nariz quando o mau cheiro chegou até mim.

— Deixem-na respirar! Nancy, afaste-se!

Estendi as mãos sem força e encontrei um punhado de pelos. Depois, senti a esponja na minha mão. Uma língua. Afastei-a e tornei a gemer.

Talvez eu tivesse sido acometida por um leve mal-estar, porque, quando recobrei a consciência, estava deitada no banco e a mulher dos olhos brilhantes e dos croissants segurava um guardanapo úmido na minha testa, enquanto curiosos espiavam por cima dos ombros dela. Tentando me recuperar, pegajosa e perdida, ainda conseguia sentir a ligação com sei lá qual mundo inferior em que estivera, e tornei a fechar os olhos, torcendo para que todos desaparecessem.

— Nossa, você ficou mal, querida — disse a mulher, segurando meu pulso. — Não faço a mínima ideia do que estou fazendo com seu pulso — prosseguiu, sacudindo de leve minha mão. — Qual é o certo, afinal: setenta? Oitenta? Sei lá. Não, não se levante ainda.

— Ah, não, estou bem, de verdade. — Baixei as pernas do banco. — Desculpe o incômodo, não sei o que deu em mim.

A escuridão foi diminuindo, substituída pelo suor igualmente frio da vergonha. Meu rosto e minha mão estavam cobertos por alguma substância pegajosa, e eu precisava lavá-los logo.

— Deve ter sido o tempo, meu bem. Está um pouco frio, não é? Vamos só ficar sentadas um instante e olhar as árvores. Não são lindas? Quer outro croissant? Vamos, trate de recuperar as forças. Meu nome é Sylvie, aliás. E estas duas são a Nancy e a Decca.

Ainda zonza, percebi que ela apontava para duas cadelinhas cinza-azuladas que saltitavam ao redor de seus pés. Quando Sylvie sentou-se no banco, perto de mim, cada uma pulou para um lado dela e tive que me afastar para abrir espaço, limpando o dorso da mão na saia. Ali ficamos, comendo croissants e contemplando as árvores, que eram mesmo lindas, de um jeito sombrio, nuas e pontiagudas contra o céu perolado, onde a tênue luz do sol penetrava as nuvens e lançava salpicos no lago. A multidão tinha se dispersado, embora os homens continuassem a circular, recolhendo os últimos peixes.

— Parece que é uma coisa tóxica na água — comentou Sylvie, apontando com a cabeça para o lago. — Espero que eles sobrevivam a essa experiência. Quem é Leo, a propósito? Seu filho? Quer que alguém vá buscá-lo?

Leo.

Nada me deixaria mais feliz. Que alguém fosse buscá-lo, que alguém o trouxesse de volta para mim. Ele viria marchando, pegaria minha mão, diria “Missy! O que você andou aprontando, minha maluquinha?”. Caminharíamos juntos para casa e acenderíamos a lareira para afastar o frio. Enxuguei as lágrimas que retornaram, as gotas quentes em meus dedos brancos.

— Sinto muito — disse Sylvie, com um tapinha e um aperto em

minha mão gelada. — Eu não deveria ter perguntado. Você falou o nome dele e pensei que talvez... Enfim, vamos só ficar sentadas aqui um pouco, sim? Não há pressa.

E assim permanecemos, a maior parte do tempo em silêncio, com Sylvie de vez em quando apontando uma planta, um pássaro ou um cão dignos de nota, e eu respondendo de forma adequada, sem medo de entediá-la nem de dizer algo errado. Terminei meu croissant e espanei os farelos, pronta para me levantar e me despedir dessa mulher descontraída e amável que tinha sido a primeira estranha a falar comigo em semanas. Era melhor terminar a conversa antes do que eu gostaria do que depois que ela quisesse.

— Muito obrigada — comecei, estendendo sem jeito a mão ainda pegajosa. — Você foi muito gentil, mas preciso ir andando...

— Droga, perdemos.

Nós duas nos viramos e vimos a mãe ruiva de Otis arrastando o filho emburrado pela trilha entre os lagos. Ele usava uma capa e havia prendido um escudo sobre o guidom do patinete, e o cabelo avermelhado espetava-se em direções diferentes. Tive vontade de ajeitar seus cabelos apenas para despenteá-los de novo.

— Viu só, eu falei que sem nós eles iam morrer — resmungou ela, carregando no ombro uma bolsa enorme, cheíssima, e se inclinando para afagar as cadelas.

— Angela, querida — disse Sylvie. — Atrasada como sempre. Que tal um café? Eu ia justamente perguntar... a... — virou-se para mim, questionadora.

— Millicent — murmurei, sem poder acreditar na minha sorte. Seria errado aceitar? Sem dúvida eu merecia alguma alegria, não? Mas não convinha parecer ansiosa demais.

— ... a Millicent... se ela gostaria de nos acompanhar.

Angela suspirou e tornou a levantar a bolsa.

— Faça isso, então. Eu queria ver uns peixes sendo mortos. E o Otis também, mas não consegui achar a roupa do Homem-Aranha, o bobinho.

— Millicent, gostaria de tomar um café conosco? Ou um chá... não quero ser ditatorial com as bebidas! — Os olhos de Sylvie se estreitaram de um jeito cativante, enquanto ela dava o braço a Angela e estendia a mão para o Otis.

Pareciam um grupinho muito alegre. Com certeza não queriam uma antiquada como eu atrás deles, atrasando-os, e por isso falei que tinha um compromisso, o que era verdade, de certo modo, e os vi seguirem pela avenida em direção ao café. O céu clareou um pouco mais quando segui meu caminho, sentindo-me contente por minha saída. Pelo menos elas tinham me convidado. Contei isso a Leo, exagerando alguns detalhes, para que soasse mais dramático. Mas é claro que não fazia diferença o jeito de eu contar, já que não havia ninguém ali para ouvir, e assim, depois de deixar umas flores e arrumar tudo, parti para minha casa deserta.

De volta à cozinha, lá estava o tique-taque do relógio, sem outro som que o abafasse, e na sala, a poltrona de Leo, vazia, e eu não tinha novos amigos — nunca mais veria Sylvie ou Angela ou Otis, e agora teria que evitar o parque, para o caso de os três acharem que eu estava tentando encontrá-los.

Arrumei a casa e me lembrei de quando tínhamos filhos pequenos e era impossível manter qualquer coisa no lugar. Agora, tudo era imaculado e permanecia assim. Enquanto almoçava um ovo cozido demais, li outras coisas sobre David Bowie e pensei no cachecol e em

O homem de neve. Eu fizera um cachecol para Arthur no Natal, esquecida de que era verão em Sydney, e agora, as agulhas de tricô rolavam de um lado para outro na gaveta dos talheres e utensílios, lembrando-me do meu erro. Mais tarde, não quis me dar ao trabalho de preparar um jantar, resolvi apenas comer cereal e pensei em ver televisão, o tal documentário, talvez, mas, na verdade, de que adiantava? Alistair agora assistia à televisão australiana e tinha comprado para mim chinelos australianos. Fui dormir cedo, verificando os armários e tiritando ao me deitar na cama, à espera de que as cobertas esquentassem. “*A Sibyl me contou... antes de morrer. Acho que não sabia o que estava dizendo.*” Pisquei para afastar a imagem de minha filha Melanie na minha cozinha, de olhos arregalados, recuando. Fui corroída pela culpa, como ocorria desde aquele dia terrível. Toda vez que eu tentava extirpá-la, ela apenas se enraizava mais profundamente.

E assim terminou o dia, tão infeliz quanto havia começado. Mas eu ainda a sentia em algum lugar — aquela centelha. O começo de algo. Ou o fim. Quem sabe?

Capítulo 3

— Chegue mais perto, Missy.

Kensington, 1942, e, indiferente às explosões lá no alto, Fa-Fa curvou-se para acender com o papel retorcido uma das velas, as imensas mãos em concha ao redor do forninho, e deu várias baforadas para acender o cachimbo. A cada inalação, o rosto enrugado de meu avô brilhava à luz das brasas. Um estrondo no alto fez com que eu me encolhesse, mas eu estava envolvida demais com suas histórias para prestar atenção às bombas, aconchegada no beliche, aninhada sob a lã áspera que dava coceiras, todos com sanduíches de cenoura parcialmente comidos nas mãos. Fa-Fa soprou uma coluna de fumaça e se reacomodou.

— Mesopotâmia, 1916. Moscas feito fuligem em volta do meu rosto. — Apontou para a fumaça cinzenta à sua frente e quase pude vê-las. — Aquela febre desgraçada, eu fraco demais para espantá-las... Quando me recuperei, pude voltar para casa, de licença. Foi incrível estar de volta a Londres, depois daquele calor insuportável. Sua avó e eu fomos a um restaurante na... onde foi, Jette? Na rua Swallow?... para celebrar minha volta.

Nossa avó fungava por ali, num canto escuro. Eu não podia imaginar ninguém querendo jantar com ela — que quase nunca abria a boca, fosse para comer, fosse para falar. Ela nos deu um sorriso tímido e baixou a cabeça ao ouvir outro guincho estridente no alto. Depois veio o vazio, como um trovão após um relâmpago. Quando o

*image
not
available*

— Terminei tendo que lhe dar uma surra e tanto, mas, não importava o que eu fizesse, a mão dele continuava a agarrar a bolsa.

Outra tragada no cachimbo — puf, puf, puf — junto com o lento luzir do fumo em brasa. Os dedos finos de Jette repuxaram o vestido.

— Murro, soco, murro! Mas ele não largava. Feito cachorro com um osso.

Bum, explodiam as bombas. Minha avó assoou o nariz. Estávamos todos envoltos na espiral abafada da fumaça do Fa-Fa. Ela fazia meus olhos arderem, mas eu não conseguia desgrudá-los do vovô.

— Comecei a chutá-lo e a pisar nos seus pés. Ele gritava, mas não largava a bolsa. Quando parei, o garoto estava encolhido diante de mim, mas as mãos *continuavam* agarradas à bolsa. Que também estava suja e coberta de sangue. Percebi que, mesmo que a levasse de volta, Jette não ia querê-la. Assim, deixei o moleque lá, deitado na rua, choramingando feito um bebê, com a bolsa ainda presa entre as mãos ensanguentadas.

Fez-se um breve silêncio, inclusive lá no alto, enquanto Fa-Fa baixava o cachimbo e limpava os óculos, os olhos remelentos concentrados nessa tarefa. Suas mãos tremiam um pouco quando ele os repôs.

— O bandidinho ficou com a bolsa. Eu o admirei por isso. Fosse o que fosse que queria nela, conseguiu. — Inclinando-se para a frente, Fa-Fa lambeu a ponta dos dedos e apagou a vela mais próxima do nosso beliche. — E é essa a moral da história de hoje. Se você quer mesmo uma coisa, tem que se agarrar a ela. Não desista. Agarra-se como se sua vida dependesse disso.

— Mesmo que alguém lhe dê uma surra até você ficar roxo? — perguntou Henry.

*image
not
available*

Capítulo 4

Passou-se uma semana sem que acontecesse nada que valesse a pena estar em um e-mail para Alistair. Mal saí de casa, exceto para providenciar umas coisinhas — um corte barato de pescoço de cordeiro, um remédio na farmácia. Achei que Sylvie estava à minha frente na fila e baixei a cabeça, para não ser notada por ela, mas era outra pessoa, apenas uma mulher qualquer de meia-idade, comprando comprimidos para azia.

No caminho para casa, fiz uma extravagância ao comprar uma garrafa de vinho, embora beber sozinha parecesse ser um caminho sem volta. Mas as noites eram longas e uma taça de alguma coisa dava uma beliscadinha nas sinapses e trazia um pouco de “*entheos*” — a pitada grega de entusiasmo. Só uma taça, talvez duas das pequenas, distraíndo-me da tentação do resto da garrafa fazendo uma ronda pelos vários cômodos da casa, a maioria já quase sem ser usada. Para que eu precisava de uma sala de jantar? Para todos aqueles jantares que eu não oferecia?

A poeira no estúdio de Leo me deu um acesso de tosse. Eu realmente deveria empacotar os livros e me livrar deles, mas Leo ficaria horrorizado; quase todos eram primeiras edições, ou edições raras, e eu não tinha conhecimento suficiente sobre elas para garantir que cobraria um preço decente. Assim, em vez disso, tirei o pó e li as dedicatórias: “Querido Leo, Natal de 1986, com amor”; “Leo, leia isto e seja gentil, por favor — Asa”; “Papai, mais um tomo antigo para você — Mel”.

*image
not
available*

uma dona de casa dos anos 1950.

Saí da farmácia alvoroçada e confusa. Ninguém me chamava assim. Não desde Leo e, antes dele, Fa-Fa. Sylvie devia ter achado que eu era completamente biruta, ruim da cabeça. Ainda com as bochechas ardendo, me vi atravessando a rua em direção à cafeteria. Se ela estivesse lá, eu certamente iria acompanhá-la em um café, não tinha motivo para ser tão boba.

Os trabalhadores continuavam digitando, as mães, fazendo festinha nos filhos e fofocando, mas o casal se fora. Não havia nem sinal de Sylvie, porém, assim mesmo, pedi um café e me sentei a uma mesa, sentindo-me tensa e sem jeito, certa de que todos me observavam e se perguntavam por que uma velha tinha resolvido entrar lá sozinha. Mas ninguém pareceu notar e, aos poucos, a atmosfera cálida e o som ambiente começaram a fazer efeito. Alguém tinha deixado um jornal na mesa ao lado. Peguei-o e li sobre Jeremy Corbyn, que morava nas imediações, e sobre o astronauta Tim Peake, que vivia muito mais longe, e sobre Alan Rickman, que já não vivia em lugar nenhum. Ele havia trabalhado em um dos meus filmes favoritos, e de Leo também, sobre um fantasma que tenta animar sua viúva enlutada. Eu era meio parecida com Nina, a esposa, vagando pela casa vazia na esperança de uma ressurreição milagrosa. Sempre achei que ela tinha errado ao não ficar com o marido, Jamie, apesar de ele estar morto.

Fiquei ali por um tempo, tomando meu café e lendo o jornal e, quando terminei, a garçonete sorridente recolheu minha xícara, as mães viraram seus carrinhos para dar passagem e um homem largou seu laptop para abrir a porta para mim. Voltei para casa andando devagar, notando as agulhas de pinheiro que ainda sujavam as calçadas, mas, de vez em quando, erguendo o rosto para o débil sol de inverno.

*image
not
available*

— Por quê?

— Porque não consigo achá-la.

— Não tenho nada para vestir.

— Você pode pegar uma roupa emprestada.

— Não estou com vontade.

— Vai ter vinho. E vai estar quente.

E foi assim que me encontrei, usando um dos vestidos pretos de Alicia, curto demais e folgado no busto, vagando pelas ruas de Cambridge à procura da Associação das Mulheres, na Falcon Yard. Quando finalmente chegamos, desejei ter ficado no quarto. Era muito barulhento e escuro, com focos de luz iluminando a banda de jazz e pessoas recitando poemas constrangedores. Sempre achei a poesia — sobretudo lida em voz alta — excruciante. Tal como a religião e a acrobacia, é melhor praticar na intimidade.

Alicia saiu zanzando por entre as pessoas e sumiu, de modo que fui em busca do vinho que ela havia prometido. Ao menos *estava*quentinho, com toda aquela gente e todo aquele calor. Um poeta parado em um canto, com a cabeça inclinada para trás, declamava para um grupinho ávido — alguma coisa sobre bunda e cristais. Deus do céu, era um horror.

Fiquei encostada numa parede, bebendo o vinho, examinando meus seios pequenos e me perguntando em quanto tempo poderia fugir. E então, do outro lado da sala, lá estava ele. Bêbado, como todo mundo. Mas era o único homem de terno, em vez de suéter de gola rulê, e isso, somado à sua altura, o distinguia. Ele me viu e sorriu como se me conhecesse, e esse momento foi como um reencontro. Aproximou-se a passos lentos, ainda sorridente. E então, ao chegar mais perto:

— Ah, nossa, desculpe! Pensei que você fosse outra pessoa!

*image
not
available*

anotar seu pedido.

— Estou mal para cacete, como você pode ver. Só vou me sentar aqui por uns cinco minutos, se não tiver problema, para evitar fazer uma besteira.

Ela puxou para si o pote de cubos de açúcar e triturou um deles entre os dentes amarelados. Estava muito pálida, com olheiras escuras. Deviam ser todas aquelas bebedeiras com Sylvie.

— É claro — retruquei, torcendo para isso não significar que eu teria de pagar seu café.

Passamos alguns segundos em silêncio, enquanto ela cutucava a pele ao redor das unhas, que estavam roídas até o sabugo e com esmalte lascado. Hanna trouxe seu café e ela o sorveu ruidosamente, enxugando a boca na manga.

Por fim, olhou-me de esguelha.

— Você é casada?

Prendi a respiração.

— Sim. Mas ele não... ele não está...

Ela descartou a pergunta com um gesto.

— Eu não sou — disse, desanimada. — E, às vezes, sinto um puta alívio, sabe? É mais encrenca do que vale a pena.

Fiquei suficientemente intrigada para arriscar uma pergunta:

— E o seu filho? O pai dele... é presente?

Angela bufou.

— Nem se interessou. É melhor assim, pode acreditar. Enfim, não estou falando de mim. Você tem filhos? Netos?

— Sim, dois filhos. E um neto.

— Menino ou menina?

— Menino. Arthur.

*image
not
available*

próxima coisa. — Em seguida, voltou ao modo interrogatório. —
Você é aposentada, certo? O que fazia?

— Fui bibliotecária. Antes de ter filhos.

— Agora todas as bibliotecas estão fechando — disse ela, sombria.

— Bem, eu fico aqui — anunciei, com a mão no portão.

Angela olhou para cima e exclamou:

— Puta merda, a casa toda é sua? Eu moro logo ali adiante, mas no apartamento do segundo andar. Do tamanho de um alfinete. Você tem *a casa toda*?

— Compramos nos anos 1960. Na época o bairro ainda não estava tão gentrificado.

Pensei nos tumultos, nas greves, nos assaltos às casas. No lixo acumulado na rua. Tínhamos sido pioneiros.

Resignada com o fato de que Angela queria entrar, ainda assim tentei um último ato de resistência:

— Onde está Otis? — perguntei, na esperança de que ela se lembrasse de que tinha que ir buscá-lo.

— Na casa da babá — murmurou, ainda encarando. — A casa toda. Minha nossa.

Ao destrancar a porta da entrada, pude senti-la atrás de mim, saltitando de um pé para outro, de tanta expectativa. Entramos.

A primeira vez que eu entrara naquele saguão tinha sido em 1964. Com um barrigão de grávida e intimidada pela curva da escadaria, eu havia bamboleado para a esquerda e descoberto a mais encantadora sala de visitas. Uma enorme janela de três faces projetada para fora deixava a luz do sol inundar o cômodo, lançando raios sobre as tábuas envernizadas do piso — escuros e claros, com partículas de poeira rolando nos feixes de luz, enquanto eu circulava entre eles. Sem

*image
not
available*

Capítulo 7

Angela queria uma babá. É claro que sim.

Na noite de quinta-feira, fiquei insone de expectativa, havendo passado o dia inteiro verificando a previsão do tempo na internet, para ter certeza de que não ia chover, planejando minha roupa — calças compridas, caso eu precisasse me agachar no parquinho — e pensando se deveria levar um lanche para Otis, para o caso de ele sentir fome. Mas eu não sabia o que a sua mãe pensava em relação a lanches, e assim, em vez disso, pus um dos carrinhos do Arthur no bolso do casaco, pronto para ser usado, se fosse o caso.

Quando era mais nova, Mel ficou interessada pelo teatro amador e se candidatara a papéis nas peças da escola. Ficava num nervosismo incorrigível e andava pela casa em uma agitação tempestuosa, dizendo que não conseguia se lembrar das falas, não entendia o texto, não tivera tempo para se preparar. Eu não tinha saco para esses dramas, mas Leo era mais paciente e a levava para seu estúdio para ensaiar o texto. Pois nessa noite, emaranhada nos cobertores, tive a sensação de estar prestes a estragar um teste.

Na manhã seguinte, com os olhos arranhando e irritadiça, arriei na cadeira à mesa da cozinha e fiquei tomando um chá forte, para absorver a cafeína, e me atualizando no noticiário. A morte do dia foi a

*image
not
available*

Angela postou-se a meu lado, tiritando em sua jaqueta de couro.

— Nossa, isso é um horror, não é? Metade do tempo eu fico em pânico, com medo de que ele quebre alguma coisa ou seja sequestrado por um pedófilo, e na outra metade, enlouqueço de tédio. Seria mais fácil com uma bebida, deveriam pôr um bar aqui, ou algo do tipo.

Eu achava que era perfeitamente agradável ver as crianças brincarem e desfrutar o ar puro, mas Angela já digitava furiosamente no celular. De tempos em tempos, saía correndo do parquinho para cumprimentar conhecidos, embora parecesse mais interessada nos cães deles. Para falar a verdade, ela não vigiava Otis tão bem quanto deveria, mas suponho que fosse essa a sua intenção ao me convidar. Um par adicional de olhos caçadores.

A cada vez que ela voltava, havia uma nova reclamação. Os vigias do parque eram uns nerds, os ciclistas estavam rápidos demais, os corredores eram uns babacas e quem envenenava o lago e os peixes merecia beber água tóxica também. Enquanto ela discursava sobre assuntos diversos, com mais um cigarro pousado entre dois dedos, apesar dos olhares de reprovação, Otis largou o trepa-trepa para perseguir pombos e pegar bolachas de arroz da bolsa da mãe. Eu ainda não gostava muito de Angela, mas, fazendo justiça a sua profissão, ela era ótima contadora de histórias, e comecei a gostar da sequência de provocações, armazenando boas fofocas para Alistair. Um famoso correspondente tivera sua corrida matinal interrompida por um cão de uma mistura de cocker spaniel e poodle e havia tido uma briga furiosa com o dono do cachorro: “Como se considerasse sua corrida de merda tão importante quanto a Síria.” Um setter irlandês entrara no parquinho e o rebuliço subsequente havia deixado os pais em pé de guerra: “Então, eles deveriam fechar a porra dos portões, não é?” Um

*image
not
available*

espalhafatosa, entornando a bebida e voltando aos discursos incendiários. Sylvie fez uma porção de perguntas a meu respeito, o que foi gentil, embora eu evitasse entediá-la com detalhes. Falei um pouco de Arthur e percebi quando olhou de relance para Otis no sofá.

Divagando, enquanto bebericava meu vinho e admirava as chamas saltitantes na lareira, apanhei-me pensando em famílias e no *oikos*, conceito importante na Grécia antiga. Não é um conceito fácil de descrever, pois pode significar coisas diferentes. Como uma casa ou residência, mas também seus habitantes. Lar e lareira. A parte da lareira sempre me interessou, quando eu pensava no *oikos* como uma espécie de rocha — a rocha sobre a qual se erguia a família. Mas de que tamanho precisava ser a família para alcançá-lo? Não percebi nenhuma carência em Sylvie, ao passo que minha solidão, meu vazio, era um balão que se inflava e me arrastava para longe. No entanto, na época em que a casa estivera cheia, com meu marido e meus filhos, eu não tinha notado, não havia apreciado meu *oikos*. Ou talvez nunca o tivesse possuído. Talvez os fios da minha vida tivessem estado sempre soltos, sempre fora de controle, apenas esperando para escapar.

— Millicent. Missy — trovejou Angela, fazendo-me despertar. — No que está pensando? Você estava a milhões de quilômetros daqui.

Apenas na metade do caminho dali, na verdade, descendo a rua. A garrafa estava quase vazia e, de repente, tive a sensação de que não deveria ficar para a segunda. Havia um local em que eu precisava estar.

— Preciso ir — declarei. Segurando o tampo de mármore da mesa, deslizei com cuidado para fora do banco. — Muito obrigada, foi esplêndido.

— A gente se fala na semana que vem — disse Angela, pegando um saca-rolhas. — Quero conversar com você sobre a minha ideia. E

*image
not
available*

muito engraçada, embora todos a meu redor tenham gargalhado sem parar.

Depois de uma parada excruciante para uma bebida na cafeteria da esquina, Percy me acompanhou até em casa, o que era desnecessário, já que eu estava de bicicleta, de modo que ele a empurrou, enquanto eu me embrulhava no xale e desejava ter escolhido uma roupa mais quente. Em frente à guarita do porteiro, Percy deu o bote, e, em seu entusiasmo, deixou a bicicleta cair no chão. A sensação daquela língua forçando a passagem até minha garganta, enquanto as mãos procuravam meus ombros e rasgavam meu vestido, me deu ânsias de vômito. Depois, ele pediu desculpas. Acho que a experiência foi tão ruim para ele quanto para mim. Assim, desculpei-me também, e ele levantou minha bicicleta, como um cavalheiro. Partiu então para sua faculdade, prometendo me telefonar na semana seguinte, embora ambos soubéssemos que ele não me ligaria.

De volta ao quarto, chorei um pouco e tentei pendurar o vestido, que ficou escorregando do cabide, por causa do rasgão. Em seguida, tirei da escrivaninha uma garrafa de xerez e servi um copo, depois outro e mais outro, e assim, quando Leo bateu à minha porta, pouco depois da meia-noite, eu já estava mais bêbada do que sóbria.

— Posso entrar? Desculpe, tive uma noite meio ruim — disse, apoiado no batente, com uma expressão solene e balançando uma garrafa de vinho meio vazia.

Apertei minha camisola mais forte ao corpo, dando graças por ainda estar penteada. É claro que o deixei entrar; eu o deixei entrar no momento em que o vi pela primeira vez, do outro lado de um aposento abarrotado.

Dividimos o resto da garrafa enquanto Leo me contava que Alicia

*image
not
available*

mútuos de quem elas haviam falado e, acima de tudo, era muito velha, muito cética — quem gostaria de fazer amizade comigo? Ela não precisava gostar de mim para me deixar de babá de seu filho. Mas talvez achasse que nem à altura disso eu estava.

Mais uma vez, recolhi-me a minha casa cavernosa, vagando por ela de camisola, desencavando velhos álbuns de fotografias e passando horas mergulhada neles. Eu de beca nos jardins da Newnham, depois da formatura, mamãe me envolvendo com um dos braços, orgulhosa e exultante. Eu parecia perplexa. Estávamos paradas junto à pequena estátua de pedra de um menino segurando um golfinho. Era parecido com Arthur — nu, como volta e meia meu neto agitado fica.

Depois, uma fotografia de Leo e eu no dia do casamento, ele sorrindo para a câmera, eu de olhos erguidos para ele, o véu obscurecendo parcialmente meu rosto. Fitei aquele rosto, meu eu mais jovem; os olhos grandes, resolutamente fixos no meu prêmio, o cabelo preto caindo em cachos sob o *voile*, o corpo esguio sob o vestido de seda emprestado, sem rugas, mas não sem cicatrizes, já naquela época.

Casamos na capela do King's College e, depois de aquela foto ter sido tirada por Tristan, um de seus colegas historiadores, Leo tinha arrastado nossos convidados para o pub The Anchor, onde todos se divertiram muito. Mal bebi meu vinho, bêbada apenas com a perspectiva de estar casada com aquele deus muito louro, que fazia todos que o cercavam parecerem pequenos. Mais tarde, minha mãe puxou-me de lado e perguntou “Tem certeza, querida?”, como se fosse possível fazer alguma coisa àquela altura. Tudo ficara decidido para mim no momento em que eu o vira na Falcon Yard. *Alea iacta est.*

Eu tinha então vinte e um anos e, quando cheguei aos vinte e dois, já estava aninhada em nossa casinha próxima do parque Jesus Green,

*image
not
available*

estar, sentou-se diante da lareira, arfando um pouco. Apesar de tudo, fiquei contente com a intromissão.

— Também sequestrou esse aí? — perguntei.

Ela não sorriu, mas afastou da testa o cabelo lambido e apertou a ponte do nariz.

— Não. Bem, sim, mais ou menos. Essa é a Bob. Ela está passando uns dias comigo.

— Ela?

— Sim, ela.

— Bob não é nome de menina.

Angela deu de ombros:

— Tem a ver com a série *Blackadder*. Bob é uma garota disfarçada de rapaz. Você viu esse programa?

— Não.

Mel era fã e, um dia, fizera Leo assistir a um episódio com ela. A visão dos dois gargalhando juntos me deixara com uma vaga sensação de isolamento e tristeza. Eu nunca ria daquele jeito com a Melanie.

— Deveria. Enfim, essa não é a questão. Preciso que você me faça um favor gigantesco e cuide da Bob por um tempinho.

— De que diabos você está falando? Eu não quero um cachorro. — Olhei para Bob, ainda sentada junto à lareira. Era uma vira-lata, com a cor parecida com a de um pastor-alemão, só que menor, como um collie. Não era feia, em matéria de cachorros, mas eu nunca gostara muito deles. Muito obtusos e carentes.

— Tentei falar com você sobre isto, outro dia. A minha amiga Fix, Felicity, está passando por uns problemas no momento e tem que ficar um tempo longe, mas precisa de alguém que cuide da sua cadela.

— Ela não pode ir para um canil?

*image
not
available*

dizia “ano que vem”. Estava certo: cachorro era uma responsabilidade enorme, não era algo para se tratar com leviandade.

Tivemos um cachorro, uma vez, quando eu era bem pequena. Um labrador preto chamado Jonas. Minha mãe o adorava e dava risadas quando Henry o vestia. Uma de minhas lembranças mais antigas era a de colocarmos o véu de noiva da mamãe no cachorro e das gargalhadas dela. Jonas simplesmente aceitava tudo. Quando começou a guerra, ele teve de ser sacrificado. Só fiquei sabendo disso muito tempo depois, mas tenho uma vaga lembrança de minha mãe soluçando quando ele foi levado. Ele não teria sabido de nada, é claro — apenas aceitara, como tinha feito com o véu. Eu era pequena demais para me chatear, mas me lembro do rosto abatido de mamãe durante meses. Um dia ela me disse que nunca superou essa experiência, que nem a morte do seu pai tinha sido tão ruim quanto aquele dia.

— É melhor assim — eu disse a mim mesma com firmeza, olhando o interior dos armários e embaixo da cama. E depois, já instalada nela, encolhida para me proteger do frio, na escuridão e no silêncio: — Feliz aniversário, Missy.

*image
not
available*

campainhas, espremi os olhos até ver “7C. A. Brennan”, e apertei com firmeza. Pouco tempo depois, ouvi uma voz conhecida, uma voz rouca de fumante.

— Sou eu, Missy — anunciei.

A porta fez um barulho de campainha e eu entrei e subi, fazendo uma parada para recuperar o fôlego a cada patamar.

Angela me recebeu à porta com as sobrancelhas arqueadas. Otis pôs a cabeça para fora por trás dela, seguido por Bob, do outro lado, abanando a cauda em cumprimento.

— Eu fico com a cachorra — informei. — Só até sua amiga resolver a situação dela.

Por um segundo, Angela se manteve impassível, e então seu rosto se abriu num sorriso de orelha a orelha, desaparecidos o cansaço e a preocupação. Ela deu um pulo e me abraçou, com força demais. Porém descobri que não me importava.

— Você não vai se arrepender — jurou. — Ela é a melhor cadela que existe.

— Sinto muito por ontem. Era meu aniversário. Eu estava meio deprimida.

Fiquei constrangida por admitir aquilo e desviei o olhar, antes que Angela pudesse avistar as lágrimas, curvando-me para fazer um carinho desajeitado na orelha de Bob. Ela arfou e se aproximou, pedindo mais.

Angela levou uma das mãos à boca.

— Desculpe-me! Sinceramente, sinto muito mesmo, eu não fazia ideia. Nossa, que cretina mais burra, invadindo sua casa daquele jeito.

— Não tem problema — retruquei, sorrindo e endireitando o corpo. — Imagino que você tenha me dado um presente, de certo modo.

*image
not
available*

Ah, lembrei! — Levantou-se de um salto e foi até a cozinha minúscula, vasculhou uma gaveta e, com ar triunfante, pegou um pacote. — Saquinhos para o cocô! Você vai precisar de uma porção.

Este, no que me dizia respeito, era o aspecto mais apavorante de ter um cachorro. Eu não conseguia imaginar como lidaria com essa parte, mas peguei o embrulho e o pus no bolso do casaco.

— Bem, tenho que ir andando. Hmm... obrigada — falei, bastante tensa, ao chegar à porta.

Angela aproximou-se e pôs a mão no meu ombro.

— Não. Eu que devo agradecer. Você fez uma coisa incrível. Juro que vai acabar gostando. Há uma porção de gente passeando com cachorros no parque, várias pessoas, e elas são muito divertidas. Vou apresentar todas a você.

Segurando a guia da Bob com cautela, a caminho de casa, repassei minha lista mental de preocupações: e se a cachorra disparasse? Eu seria arrastada atrás dela? Como faria para contê-la? Em seguida, veio a lista de alimentos venenosos para os cães e que deveriam ser mantidos longe dela — chocolate, uvas, cebola, o que mais? Tóxicos como o lago do parque. Lembrando a promessa de Angela, estava bastante insegura sobre querer me misturar com a turma que passeava com cachorros por lá, solitária como eu era. Eu os tinha visto e eles me pareciam um pouco excêntricos, sempre brigando com ciclistas e pais e praticamente qualquer um que não gostasse tanto dos seus bichos de estimação quanto eles mesmos. Mas agora estava feito, de modo que teríamos de encarar a situação. Com sorte, a Bob seria mais barata que um sistema de alarme. E talvez uma companhia melhor.

Chegamos em casa e abri a porta, procurando ouvir se havia intrusos ao entrarmos. No mesmo instante, Bob pôs-se a farejar a casa,

*image
not
available*

Parte 2

“Acima da nuvem, com sua sombra, fica a estrela, com sua luz.”

— PITÁGORAS

perseguida. Quando saímos para beber alguma coisa, informei que precisava ir embora cedo, dizendo-lhe que havia um boato de que alguns estudantes tinham rebocado um Spitfire para o Grande Pátio do Trinity. Quando ele me convidou para assistir ao filme *A Sombra da Guillhotina*, falei que não gostava de Dirk Bogarde. Quando me chamou para assistir a uma palestra, eu fui, mas me certifiquei de esbarrar, no caminho, em vários conhecidos com quem era absolutamente indispensável que eu falasse. E o deixei esperando.

Por que era tão necessário todo esse teatro? Eu tinha a sensação instintiva de que Leo, muito direto, não admirava essa mesma qualidade em outras pessoas. Gostava da astúcia, do capricho, da incerteza. Gostava de pessoas ariscas. E foi isso que me tornei. Pouco antes do Natal, ele me pediu em casamento, deixando um anel em meu exemplar da *Odisseia*, com um bilhetezinho dizendo que meu rosto lançava mil embarcações, embora eu sempre houvesse me achado menos Helena e mais cavalo de Troia. Leo demorou-se no vão da porta, vendo-me abrir o livro, com um sorriso maroto e uma garrafa de champanhe. “Que tal?”, perguntou, exibindo a garrafa, enquanto eu fazia um grande esforço para conter as lágrimas. Nos casamos em um dia seco e gelado de janeiro — embora ainda não soubesse, eu já estava grávida na foto que Tristan tirou, nós dois do lado de fora da capela do King’s College. *Alea iacta est.*

E qual o problema disso tudo? Qual a falha do meu plano? Depois da aliança no dedo, do bebê na barriga e da casinha no parque Jesus Green... quando eu poderia finalmente relaxar, tirar os parafusos e ver se a ligação aguentava firme?

Nunca. Depois de agarrá-lo com força, eu não poderia soltá-lo; tinha que segurar firme.

deselegantemente, para atender ao chamado da natureza. Era o momento que eu temia e, agora, teria de vivê-lo na presença desse homem, que observaria eu me ajoelhar na lama.

Procurando os saquinhos de coleta de fezes, tirei um do bolso, respirei fundo e me curvei para executar a tarefa. O cheiro era asfixiante, com um leve vapor quente no frio primaveril. Como é que se usava o saquinho? Eu poderia deslizá-lo pelo chão e jogar a porcária para dentro com um graveto? Nervosa, inalei sem querer e tive uma imediata ânsia de vômito. Aquilo era um horror. Eu teria que devolver Bob a Angela; ela teria que ir para o abrigo de cães. Eu voltaria a examinar os armários. Talvez pudesse economizar para instalar o sistema de alarme. O saquinho caiu das minhas mãos trêmulas no chão.

— Quer ajuda?

Ele se agachou a meu lado, pegando o saquinho fino e o calçando na mão como um fantoche de plástico. Inclinou-se e recolheu as fezes com destreza, em um gesto gracioso, o que me causou outra ânsia de vômito. Dando um nozinho no alto, apresentou-me o saquinho com um floreio cavalheiresco, como se fosse um presente. Peguei-o com a ponta dos dedos, enojada e terrivelmente sem graça.

— Imagino que seja a sua primeira vez, certo?

— Sim — respondi, depositando a trouxa tenebrosa em uma lixeira próxima. — Ela é... Não é minha. Estou cuidando para uma pessoa. Obrigada... por...

— Sem problemas — disse ele. Estalou os dedos e os cães vieram imediatamente para o seu lado. Foi impressionante. — A propósito, meu nome é Denzil. Talvez eu a veja por aí, se a senhora tornar a precisar de ajuda. Mas com o tempo vai ficar mais fácil.

Cumprimentou-me com um aceno, ainda segurando o cigarro, e